

AS AÇÕES POLÍTICAS NO SÉCULO XVI E A REPRESENTATIVIDADE NA CORTE, EM *HAMLET*

Adelson Oliveira Mendes (UNEB)
adelsonoliveiramendes@gmail.com
Thiago Martins Prado (UNEB)
minotico@yahoo.com.br

RESUMO

Por meio de uma proposta qualitativa de análise, seguiu-se uma investigação do seguinte tema: As ações políticas no século XVI e a representatividade na corte, em *Hamlet*. Os comportamentos e estratégias políticas da personagem rei Cláudio dentro do governo articula-se aos estudos foucaultianos, primordialmente em *Estratégia, Poder-Saber* (2006). Juntamente com uma obra de representação da vida palaciana, *Breviário dos Políticos*, de Cardeal Mazzarino (1997), chegamos a uma compreensão aproximada da personagem somada a uma das grandes referências notadas na peça, a qual discute âmbitos políticos, a obra “O Príncipe”, de Nicolau Maquiavel (2006). Bloom (2001–2004) discute tal personagem focado na sua prática política e discute sua prática anterior ao seu atual porte estatal e sua relação enquanto rei, com a população e o seu Estado. Tais articulações apontam que, na construção da personagem (rei) Cláudio, dentro do teatro shakespeariano, o discurso elaborado pela personagem fundamenta-se na sedução. Os passos tomados por tal personagem, significativamente, acarretam discussões que sugerem a constituição. Do seu caráter de dissimulador e as estratégias para conseguir se manter no poder, no qual ocorre uma representação do líder estudado em Maquiavel.

Palavras-chave:

Claudius. Política. Peça Hamlet. William Shakespeare.

ABSTRACT

Through a qualitative analysis proposal, an investigation of the following theme was followed: As ações políticas no século XVI e a representatividade na corte, em *Hamlet*. The political actions and strategies of than king Claudius character within the government are linked to foucauldian studies, mainly in *Estratégia, Poder-Saber* (2006). Together with a work of representation of palace life, *Breviário dos Políticos*, by Cardinal Mazzarino (1997), we come to an approximate understanding of the character said to one of the great references noted in the piece, which discusses political spheres, the work *O Príncipe*, by Niccolò Machiavelli (2006). Bloom (2001–2004) tell us about these character focused on his political practice and discusses his practice prior to his current state status and his relationship as king. Such articulations point out that in the construction of the character (king) Claudius, with the Shakespearean work, the discourse elaborated by the character is based on seduction. The steps taken by such a character, significantly, lead to discussions that suggest mediation between his character as a dissimulator and the aspects to be able to remain in power, there is a representation of leader studied in Machiavelli.

Keywords:
Claudius. Politics. Hamlet piece. William Shakespeare

1. Introdução

Poeta e dramaturgo são características essas que são dadas a William Shakespeare por sua competência, pois antes de ser dramaturgo, ele era poeta, o que enriquece mais suas peças. Usava sua poeticidade para a expressão nos palcos. A crítica literária diz que Shakespeare não quis expressar nenhum sentimento concernente à política. O crítico shakespeariano Northrop Frye (2011) menciona que as concepções de política são interrogações quando analisadas todas as obras do poeta/dramaturgo. Esse autor elabora muitas releituras do trabalho do bardo, entre as obras analisadas está *Hamlet*. O bardo inglês pôde ou não abordar tais aspectos?

Através dessa crítica, Shakespeare não quis prescrever sua ideologia política em suas peças. Seus personagens devem, portanto, ser compreendidos como olhares que Shakespeare possuía sobre o pensamento e a atuação da política em seu momento de escrita, sem que, para isso houvesse uma defesa evidente sobre a ideologia política que deveria operar. Fica-se clara a força de conhecimento político em *Hamlet*, por exemplo, expressa na personagem rei Claudius. O rei Claudius tem uma vasta agilidade nos trâmites políticos, é obvio se analisada tal obra. Assim, esse artigo objetiva analisar a personagem rei Claudius articulando-o a interpretações da ciência literária e política (tanto às existentes anteriormente a Shakespeare quanto do próprio século XVI até as interpretações contemporâneas).

Nota-se na arte de governar da personagem rei Claudius, posta por Shakespeare, uma possibilidade de discussão sobre a transição da forma de governo feudal para a noção de Estado apresentado por Michel Foucault (2006), um Estado administrativo e governamentalizado. Foucault (2006) deixa alguns aspectos a aplicar na personagem rei Claudius e percebe-se um soberano que se valia do poder de manipulação para conquistar mais territórios e súditos.

Na época expressa em *Hamlet*, as personagens não tinham liberdade de tais pensamentos, pois, ao mesmo tempo em que o rei institucionaliza seu reinado, acabava ficando o totalitarismo aos súditos, isso fixado no governo absoluto que praticava. O rei Claudius já estava estabelecido pelo poder que proporcionou-o territórios, súditos e “família”.

Na perspectiva de Nicolau Maquiavel (2006), Polônio não cumpriu o caráter do súdito fiel, visto que pensou mais em si, no seu egoísmo pelo poder e “pela rainha Gertrude”. Considerando a crítica literária shakespeariana, Polônio foi cúmplice de Claudius no assassinato do rei Hamlet. O nível de traição do súdito ao antecessor rei Hamlet é notável, no entanto, ao contrário, iniciava uma forte parceria nas pretensões usurpatória do rei Claudius, pois Polônio queria que Ofélia casasse com o príncipe Hamlet e se juntando ao rei Claudius, pensando Polônio, conseguiria esse fato. A usurpação de Claudius ao reino do irmão surge do cálculo e, principalmente, do jogo para concretizar a aliança emocional com Gertrude.

Será de grande proveito abordar essas ações do rei Claudius, em *Hamlet*, com as demais personagens. Sua interação de confronto com Laertes se dá no propósito de uma revolta do povo com quem comanda a coroa: rei Claudius. Ficam então referências a Giulio Mazzarino (1997), diante das estratégias do rei Claudius. Na passagem da peça citada por Lacerda (2015), é notável que o rei ao colocar Laertes como interlocutor da carta escrita pelo príncipe Hamlet, utiliza desse interlocutor como artifício necessário ao assassinato do príncipe Hamlet.

Essas hipóteses e outras nessa pesquisa são mais reforçadas e/ou provadas através da crítica literária representada pelos críticos: Frye (2011), Foucault (2006), Lacerda (2015), Mazzarino (1997), Bloom (2001 - 2004), Bradley (2009), Casa (1999), Grammaticus (2013), Maquiavel (2006) e Knight (2005). Considerando a viabilidade das hipóteses mencionadas, serão (a)provadas tais hipóteses através desses críticos mencionados.

2. *Ser ou não ser, eis a política*

Lacerda (2015) posiciona-se e vê um ponto negativo na forma em que o rei Claudius conduz seu poder, deixando parecer o modo aristocrático e assume a forma tirana de liderança. Nas palavras do autor supracitado: “Seu tio é um mau rei porque usa a maldade intrínseca à natureza humana não para castigar os criminosos, mas para ele próprio cometer crimes e usufruir dos direitos alheios” (LACERDA, 2015, p. 260). Ainda segundo Lacerda (2015, p. 134), o rei Claudius, nas atribuições de dissimulador às intenções com o sobrinho, “já diminui a quase nada a distância entre ele e sua vítima, falta apenas dar o bote e abocanhá-la”.

Além de conseguir aliar-se a Laertes, usando o súdito como isca para eliminar o príncipe Hamlet, o então rei, através de sua expressão de apaziguamento, consegue uma imagem real, “Com toda a atenção ao redor, naquilo que deve se apresentar de ti em público, porque de uma única ação depende para sempre a tua fama” (MAZZARINO, 1997, p. 63). Ou seja, o rei Claudius não respondeu ao nível arrogante de Laertes e é interpretado por quem lhe cerca.

Enquanto ao envolvimento do rei Claudius no fratricídio, Mazzarino (1997) apresenta conselhos para que, em ocasiões tais como em *Hamlet*, a melhor oportunidade é realizar o que a personagem rei Claudius realizou, dissimular. Nas palavras de Mazzarino (1997),

Se te envolvesse em alguma ação detestada por todos, não te expônhas em público à agitação dos desprezos, nem te comportes como se estivesse perto de aprovar o fato, nem te gabes, ou insultes os ofendidos. (MAZZARINO, 1997, p. 50)

A ameaça de Hamlet no castelo de Elsinore fez o rei Claudius se precaver, convocando os súditos Rosencrantz e Guildenstern¹ para vigiarem de perto o sobrinho “louco”. Pois Claudius desconfiava da intenção que tinha o príncipe Hamlet (seu sobrinho): informar a população, veridicamente, do ato do tio, rei Claudius, de matar o irmão, pai do príncipe Hamlet. Pois o então rei pretendeu e reconquistou a rainha Gertrude e “tentou conquistar” o trono dinamarquês. Como diz George Wilson Knight (2005):

Hamlet’s soul is sick. The symptoms are, horror at the fact of death and an equal detestation of life, a sense of uncleanness and evil in the things of nature; a disgust at the physical body of man; bitterness, cynicism, hate. It tends towards insanity. All these elements are insistent in Hamlet. He can describe the glories of heaven and earth but for him those glories are gone. And he knows not why. The disease is deeper than his loss of Ophelia, deeper than his mother’s sexual impurity and his father’s death. These are, like his mourning dress, the ‘trappings and the suits of woe. They are the outward symbols of it, the ‘causes’ of it: but the thing itself is ultimate, beyond causality (KNIGHT, 2005, p. 24)

Utilizando nessa ação do rei Claudius (ação de fratricídio) os sábios conselhos de Mazzarino (1997, p. 48) em tom de metáfora, aplica-

¹ Now Claudius is not drawn as wholly evil—far from it. We see the government of Denmark working smoothly. Claudius shows every sign of being an excellent diplomatist and king. He is troubled by young Fortinbras, and dispatches ambassadors to the sick King of Norway demanding that he suppress the raids of his nephew (KNIGHT, 2005, p. 36).

mos ao então rei mais um ponto significativo. Segundo o autor mencionado: “[...] será sempre bom que, enquanto sentas à mesa, ou à mesinha para escrever, coloques à tua frente um espelho para ver de relance o quanto se faz pelas tuas costas”. Para esclarecer o papel significativo às intenções manipuladoras do então rei, os súditos Rosencrantz e Guildenstern assumem a função de espelhos, assim como a citação acima de Mazarino (1997), que se torna mais esclarecedora quando Shakespeare escreve a cena:

Welcome, dear Rosencrantz and Guildenstern! Moreover that we much did long to see you, the need we have to use you did provoke our hasty sending. Something have you heard of Hamlet’s transformation; so call it, since nor the exterior nor the inward man resembles that it was. (SHAKESPEARE, 2015, p. 681)

Longe do ato de fratricídio, os demais atos são apresentados por Lacerda (2015), onde a verdade é mais uma vez ocultada, através da ação de Shakespeare quando apresenta o rei Claudius dissimulador: que não é socializado como pede sua função, mas que faz parte de seu governo autocrático e tirano, por exemplo.

Suas decisões com o velho rei Fortimbrás são mencionadas pelo jovem príncipe norueguês Fortimbrás como fato consumado entre as partes, na suposta ideia do exército liderado pelo príncipe norueguês cortar caminho pela Dinamarca à Polônia. A dissimulação é bem exposta aos leitores da peça, por exemplo, quando os diálogos e ordens ficam expostos entre o rei Claudius e o rei Fortimbrás. Fica, também, exposta uma disputa de poder, quem é o mais poderoso? Isso é notável na decisão final notável na peça: o rei Claudius é assassinado, e o sobrinho do rei Fortimbrás está presente no momento do ato.

Frye (2011) “[...] as esperanças e expectativas dos poucos sobreviventes da peça repousam em Fortimbrás, de quem nada sabemos a não ser que lutará por qualquer coisa” (FRYE, 2011, p. 116). Se tal fato nos intriga, para Knight (2005, p. 44), “Claudius, whose crime originally placed him there, is in a state of healthy and robust spiritual life.” Adentrando aos nomes da crítica literária shakespeariana, são notórias as afirmações realizadas sobre a relação do antigo rei Hamlet e o rei Fortimbrás, em *Hamlet ou Amleto*, de Lacerda (2015).

O mercantilismo² está presente na peça em questão, pode-se notar quando, principalmente, o rei Claudius decide enviar o príncipe Hamlet à Inglaterra³, pois o então rei tem conhecimento do sentimento de apreço do povo pelo sobrinho/príncipe e decide agir dentro da lei, não o levando a julgo popular, o que enfraqueceria ainda mais o rei e sua estabilidade no reinado. Foucault (2006) fornece argumentos que coadunam com a decisão do rei Claudius para com o povo, apontando para a importância deste para com o governo.

Enfim, a população será o ponto em torno do qual se originará o que se chamava, nos textos do século XVI, de ‘paciência do soberano’. Quer dizer que a população vai ser o objeto do qual o governo deverá ter em conta em suas observações, em seu saber, para chegar efetivamente a governar de modo racional e refletido. A constituição de um saber de governo é absolutamente indissociável da constituição de um saber de todos os processos que giram em torno da população em sentido amplo, o que chamamos precisamente de ‘economia’. (FOCAULT, 2006, p. 282)

No poder do rei Claudius, sendo também esposo da rainha Gertrude, cabe às escolhas feitas para o príncipe Hamlet, haja vista que envolve seu reinado. O então rei, através da hipótese da loucura do príncipe, vendo nessa hipótese a oportunidade para livrar-se do príncipe e evitar a possibilidade de ser revelado e vingado pelo então príncipe, apoia a ideia posta por Gertrude e também a de Polônio, da verdadeira causa de “loucura” no príncipe. Para reforçar a aceitação dissimulada do então rei, Polônio lê a carta escrita pelo príncipe Hamlet para Ofélia, o rei estando presente:

Doubt thou the stars are fire; Doubt that the Sun doth move; Doubt truth to be a liar; But never doubt I have. O dear Ophelia, I am ill at these

² O mercantilismo é a primeira racionalização do exercício do poder como prática de governo; é, de fato, a primeira vez que se começa a constituir um saber do Estado que pudesse ser utilizável como tática do governo. Mas o mercantilismo se deu como objetivo essencial à potência do soberano: como fazer de modo, não tanto, que o país seja rico, mas que o soberano possa dispor de riquezas possa ter tesouros, possa constituir exércitos com os quais ele possa aplicar sua política? O objetivo do mercantilismo é a potência do soberano, e os instrumentos que o mercantilismo se dá são leis, ordens, regulamentos, quer dizer, as armas tradicionais do soberano. O mercantilismo buscava fazer entrar as possibilidades dadas por uma arte refletida de governo, no interior de uma estrutura institucional e mental de soberania que o bloqueava.

³ And in that conceit, seeking to be rid of him, determined to find the mean to do it by the ayde of a stranger, making the king of England minister of his massacring resolution, choosing rather that his friend should defile his renown with so great a wickedness (GRAMMATICUS, 2013, p. 79).

numbers; I have not art to reckon my groans: but that I love thee best, O most best, believe it (SHAKESPEARE, 2015, p. 682)

Vemos que, na condição de súditos, todos, com exceção do príncipe Hamlet, o serviram. Como nas palavras de Mazzarino (1997), citadas acima, Polônio pode ter seu papel destacado dentro do Castelo de Elsinore como mordomo, como mencionado por Lacerda (2015, p. 28): “[...] é o conselheiro sênior, o lorde camerlengo, funcionário-chefe da corte e responsável por organizar todas as suas funções. Manda muito”, porém, apenas serviu às proposições do rei Claudius. Ou seja, a aparência de que o súdito possuía poder, era apenas um pretexto do então rei para o funcionário-chefe o servir, fielmente. Tais idiossincrasias estão presentes nas passagens de *O Príncipe*, de Maquiavel (2006).

Além desse lado tirânico do rei Claudius governar, nota-se um rei que institucionaliza seu reinado, atribuindo funções a todos seus súditos. Segundo proposições maquiavélicas, o rei Claudius tem uma suposição de que abaixo de si, ninguém seja mais forte ou mais fraco entre os súditos, que todos tenham a mesma função: proteger o reino e seu rei. Para além da manipulação do fato real sobre a personagem rei Claudius, dentro da peça, Shakespeare trabalha um rei ágil, calculista e dissimulador, características essas que também se somam à personalidade de um rei, principalmente naquela época em que Shakespeare escreveu a peça *Hamlet*.

O rei Claudius reconhece o príncipe Hamlet como seu sucessor ao trono, ainda que o príncipe possua pouca experiência em relação à corte e seja jovem a tal responsabilidade de ser líder. Em verdade, tal preocupação seria uma forma de sedução do rei Claudius para com o seu povo, sabido que o povo tinha apreço pelo príncipe Hamlet.

No decorrer da peça, sabe-se que o rei Claudius ainda era inexperiente na coroa dinamarquesa, portanto precisava unir e conhecer seu povo, o que ocorre na festa de seu casamento. Para o príncipe Hamlet, era uma comemoração ao incesto (Ato III/Cena II), em que o rei Claudius reúne-se com os súditos para participarem de banquetes. Para o então rei, segundo concepções de Mazzarino (1997) eram apenas estratégias para ganhar o apreço de todos e assim se armar,

Procura ter perto de ti, simulando amizade, aquele que em tua ausência queixas, e contra ti amotinaria sediciosos e agitaria outras pessoas turbidas. Mantém-no sempre ao teu lado nos prazeres, nas caças, à mesa, nos pensamentos e no teu próprio banquete (MAZZARINO, 1999, p. 48)

Tais pontos colocados por Mazzarino (1997) tomam mais pulso se postos, também, aos argumentos de Casa (1999, p. 21), quando esse diz: “[...] convém fazer do desejo do outro o próprio prazer, quando não se siga dano ou vergonha, e, nisto, sempre agir e falar antes pelo critério alheio do que pelo próprio”.

O rei Claudius preocupa-se apenas com a obtenção de poder através da autoridade exercida sobre os territórios. Como visto em Lacerda (2015, p. 127), a cobrança do reino dinamarquês sobre a Inglaterra, “[...] aqui, ela está inadimplente com o Banco Central dinamarquês”⁴, e sobre seus súditos, é vista como uma artimanha. Sua fonte de poder, no entanto, firma-se de seus súditos e estes o honram, protegendo-o.

3. *Um tempo complexo e a atuação de um líder/rei*

Bloom (2001, p. 507) destaca a veracidade e ferocidade daquela época, “[...] mais vida em um tempo sem limites”. As ações do rei Claudius⁵ durante seu reinado não ultrapassam a função de rei. Como rei, poderia agir de forma cautelosa, planejada e, às vezes, maldosa, visto que essa última é a que mais caracteriza o rei Claudius, através de sua ânsia em obtenção de poder. Essa, sem sombra de dúvidas, era a maior razão do então rei: obter poder. É nesse ponto que reside a maior dissimulação nos vários momentos em que o rei, nas atribuições de sua função, oculta alguns fatos apenas para sua própria proteção.

É nessa razão que o rei Claudius menciona, segundo Frye (2011), que encontramos os obstáculos a serem seguidos e vencidos. O rei Claudius consegue realizar alguns feitos na sua atuação: o ato de fratricídio; conseguiu deixar o legado em uma época em que a política passava por uma reforma. Com isso, houve uma mudança de tática enquanto às negociações com os países vizinhos, diferente do seu irmão, rei Hamlet.

Depois, com o rei Claudius, percebemos uma tentativa de pensar a institucionalização do reino dinamarquês, o então rei atribui tarefa a todos, mesmo sendo dissimulador para com esses e expressa seu poder absoluto na maioria de suas ações, utilizando-os apenas para realizar seus

⁴ Mas é verdade: na época em que a história se passa, a Inglaterra pagava mesmo um tributo à Dinamarca o chamado *Danegeld*, ou “ouro dinamarquês”.

⁵ Throughout the first half of the play Claudius is the typical kindly uncle, besides being a good king (KNIGHT, 2005, p. 37).

desejos, mas, como visto acima através de Mazarino (1997), enquanto o rei Claudius possuía o poder sobre seus súditos, armava um complexo de segurança tanto do reino quanto do reinado.

Em *Hamlet*, Ato I/Cena I, é notório uma reforma e reforço na segurança do castelo, assim que o rei Claudius assume a coroa e nota-se o acréscimo de Bernardo e Marcelo juntos a Francisco na guarda do castelo. Uma preocupação do então rei era de uma invasão, acreditando ele na tradição dos reinantes em conseguir mais poder através de terras. O rei Claudius⁶, mais uma vez, nos mostra ser um rei hábil, estrategista e muito calculista, qualidades essas que devem sempre acompanhar um líder, seja em qualquer esfera de governo. Assim descreve A. C. Bradley (2009, p. 123) a respeito do mandato de tal personagem e sobre essa personagem em relação a seu porte de autoridade/rei: “Como rei, é cortês e nunca indigno do trono; desempenha seus deveres cerimoniais com eficiência; e cuida com desvelo dos interesses nacionais”.

Se analisado no seu porte político, existe uma determinada perfeição do rei Claudius em sua atuação. Há um grande cuidado de agir, grande preocupação enquanto líder supremo, a corte e demais membros governados não conseguem notar sua forma real de governo, a personagem que mais recebia as ações complexas em busca dessa realidade era o príncipe Hamlet, pois era o único que demonstrava empecilhos para esse acontecimento. Claudius, embora o fosse, não apresentava para a população a sua característica de tirano, exceto Polônio que rodeava tudo que o então rei praticava. Como dito por Bradley (2009) acima, o rei atuava de forma cortês, digno de seu patamar e nunca se apresentava com qualidades desrespeitáveis.

A crítica literária shakespeariana possui um grande alcance à personagem do rei Claudius, uma personagem com cenas complexas na política apresentada por Shakespeare. O rei Claudius preocupava-se com o que acontecia e envolvia o seu trono e seu país, demonstra bem sua relação exterior por meio da diplomacia. A primeira tentativa da morte do príncipe Hamlet, deixa bem claro a suas ações com os reinos: cobranças de tributos e troca de favores reais.

⁶ Claudius, as he appears in the play, is not a criminal. He is—strange as it may seem—a good and gentle king, enmeshed by the chain of causality linking him with his crime [...] Claudius can hardly be blamed for his later actions. They are forced on him. As King, he could scarcely be expected to do otherwise. Hamlet is a danger to the state, even apart from his knowledge of Claudius’ guilt (KNIGHT, 2005, p. 38).

Shakespeare⁷ demonstrou uma relação conturbada no governo da peça, mas além de toda a crítica literária ao redor dessa peça, o autor explicitou a tentativa de um líder institucionalizar o poder. As cobraças de tributos, a aplicação de funções/cargos aos súditos: Polônio, Rosencrantz, Guildenstern e Laertes, a continuação no cargo de Bernardo e Francisco, demonstra a tentativa do rei Claudius de liderar.

A política presente na peça *Hamlet*, representa a ações naquela época medieval, mas não nos proíbe de refletir as ações de tal personagem até a política contemporânea. A representação da imagem de liderança pelo rei Claudius mostra-se como a forma de liderança superior à do rei Hamlet. A personagem rei Claudius demonstrou sua perfeição no poder, disse o então rei que daria a vida para aquele que identificasse uma culpa dele e pudesse culpá-lo. Disse o então rei: “If by direct or by collateral hand/ They find us touch, we will our kingdom give, our crown, our life,, and all that we call ours” (SHAKESPEARE, 2015, p. 702).

É fato que o ato de fratricídio acarretou uma imagem negativa ao rei Claudius e conhecendo o forte impacto e sensibilidade de tal fato, nota-se que o rei Claudius não agiu bem. Mas entender a peça apenas por esse viés, limita nossa interpretação na peça e nos limitará a medir as ações políticas com a modernidade. Por exemplo, as ações do envio de embaixadores para a realização de suas intenções, a aplicabilidade de funções aos súditos, etc. A forma de agir do então rei desperta interesse nos críticos shakespearianos, um exemplo desses críticos é Frye (2011, p. 119), quando menciona: “Cláudio parece ser um tipo até mesmo grosseiro, que aprecia os prazeres e tem muita vitalidade e ânimo”. O autor descreve um exemplo de líder com muita, assim como ele descreve, vitalidade.

Tais características deixa o rei Claudius em um ótimo estado se comparado com o príncipe Hamlet segundo Bloom (2001), o príncipe Hamlet é o único inimigo de si mesmo, assim diz Bloom (2001, p. 534), “Cláudio é mero acidente, o único inimigo de Hamlet é o próprio Hamlet”. Considerando o tempo que se tornou rei, mantinha uma experiência invejável com os súditos, foram esses que lhe informaram da tentati-

⁷ Os ideais, tanto da sociedade como do indivíduo, eram, talvez, mais importantes no mundo de Shakespeare do que no nosso [...] Sendo Shakespeare o mais memorável dos escritores, faria sentido supor que a dor que Shakespeare nos causa seja tão significativa quanto o prazer (BLOOM, 2001, p. 31, 39).

va de invasão do príncipe Fortimbrás. Sabendo dessa possível invasão, notório no final da peça a chegada do então príncipe, o então rei manda súditos à negociação.

A proteção do rei Claudius, mostra-se na peça, era enorme. Pensava, mesmo pensando na conquista, a derrota. Se a derrota tiver a possibilidade de vir, o então rei estaria sempre de olhos abertos. Como escreveu Shakespeare (2004, p. 242): “[...] But to confront the visage of offence?/ And what’s in prayer but this twofold force”.

O rei Claudius obteve súditos fieis, entre esses estão Rosencrantz e Guildenstern⁸, que o alertam da possível tentativa do príncipe de o assassinar. Diz Bradley (2009, p. 100): “Rosencrantz e Guildenstern falam a Cláudio da necessidade imperiosa de proteger-lhe a vida, que era inestimável, como se a loucura de Hamlet tivesse se revelado agora claramente homicida”.

4. Conclusão

A dissimulação da personagem rei Claudius é uma prova de que a ocultação da verdade de governar para benefício próprio existiu desde a antiguidade e marcada em qualquer era ou época, por exemplo. O rei dissimulador no século XVI é um tanto equivalente aos dissimuladores dos poderes atuais. A forma como foi, é e será trabalhado esse fato social é o que o torna marcante, exemplo é a peça *Hamlet*. Para além de um cânone, Shakespeare traz na peça os problemas sociais daquela época, mesmo que as palavras de Frye (2011) acima mencionadas, afirmam que Shakespeare não tinha interesse em fazer qualquer ato sobre política em suas peças.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOOM, Harold. *Shakespeare: a invenção do humano*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

⁸ And so arriving in England, the messengers presented themselves to the king, giving him Fengon letters; who having read the contents, sad nothing as then, but stayed convenient time to effect Fengon desire, mean time using the Danes familiarly, doing them that honour to sit as his table [...] (GRAMMATICUS, 2013, p. 81).

- BRADLEY, A. C. *A tragédia shakespeariana*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- CASA, Giovanni Della. *Galateo ou Dos costumes*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- FRYE, Northrop. *Sobre Shakespeare*. São Paulo: USP, 2011.
- GRAMMATICUS, Saxo. *The norske Hamlet*. Hythloday Press: Kindle, 2013.
- LACERDA, Rodrigo. *Hamlet ou Amleto? Shakespeare para jovens curiosos e adultos preguiçosos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2015.
- MAQUIAVEL, Niccolò Del. *O Príncipe*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- MAZZARINO, Giulio. *Breviários dos Políticos*. Rio de Janeiro: Lacerda Ed, 1997.
- KNIGHT, George Wilson. *The wheel of fire*. London: Taylor & Francis e-Library, 2005.
- SHAKESPEARE, William. *Hamlet*. New York: Sterling Publishing Co, 2015.